

Editorial

Neste primeiro número do volume 20 da Revista *Zetetiké*, referente ao ano de 2012, apresentamos a vocês cinco artigos, uma resenha e um texto na nova seção denominada “Memórias”, em que pretendemos apresentar memórias de professores e professores-autores que ensinaram ou ensinam matemática no Brasil.

O primeiro artigo deste número, intitulado “Quem quer ser professor de matemática?”, relata um estudo coletivo cujo objetivo foi identificar o perfil dos ingressantes nos cursos de Licenciatura em Matemática no Brasil. A autoria é dos investigadores: Plínio Cavalcanti Moreira, da Universidade Federal de Ouro Preto – MG; Emília Barra Ferreira, do Colégio Osvaldo Afonso – RJ; Alex Jordane, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo; Jorge Cássio Costa Nóbriga, do Laboratório Ábaco, da Universidade de Brasília; Maria Cecília Bueno Fischer, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – RS; Everaldo Silveira, da Universidade Estadual do Centro-Oeste – SC; e Marcelo de Carvalho Borba, da Universidade Estadual Paulista UNESP-Rio Claro/SP. Os sujeitos da investigação foram 664 alunos que iniciaram o curso de Licenciatura em Matemática em 19 instituições de ensino superior de 10 estados brasileiros, nos anos de 2008, 2009 e 2010. Os dados foram obtidos através de um questionário com 25 perguntas sobre as condições socioeconômicas, a formação escolar e o processo de escolha da Licenciatura em Matemática como formação universitária. Os resultados apontam que, em sua grande maioria, o ingressante em cursos de Licenciatura em Matemática no Brasil, entre outras características, é jovem, solteiro, estudou na escola pública, escolheu a licenciatura atraído mais pela matemática do que pela docência, possui ao menos um computador em casa, tem renda familiar abaixo de 5 salários mínimos, não contribui para o sustento da família e está ascendendo a um nível de escolaridade superior ao dos pais.

No segundo artigo, “A divisão e os racionais: revisão bibliográfica e análise”, as professoras Maria Helena Fávero e Regina da Silva Pina Neves, do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, analisam 65 estudos nacionais e internacionais — publicados entre 1999 e 2010 — sobre as dificuldades de alunos e de professores em lidar com o conceito de número racional, constatadas em relatórios de avaliações oficiais e em estudos nacionais e internacionais. Em sua análise, as autoras concluem que os estudos sobre resolução de problemas inserem-se nos modelos tradicionais, com entrevistas sobre as estratégias utilizadas pelos estudantes. Nos estudos sobre intervenções, predominam o grupo controle e o experimental, com pré e pós-testes. Ambos se referem aos campos conceituais (VERGNAUD, 1990), aos registros de representação semiótica (DUVAL, 1993) e aos subconstrutos dos números racionais (KIEREN, 1988). Convergem na importância da compreensão da lógica do sistema numérico decimal para a compreensão da lógica do algoritmo da divisão e dos racionais; no predomínio, em sala de aula, da exposição e de regras em detrimento do conceito; na importância do papel do professor. As autoras propõem um modelo de trabalho que considere a análise das regulações cognitivas, integrando o estudo dos processos comunicacionais, considerando a Psicologia do Desenvolvimento, tanto em relação ao professor quanto em relação ao aluno.

No artigo intitulado “A autonomia de estudantes e o ensino de matemática”, as autoras Ivana Lima Lucchesi, docente da Faculdade Porto Alegrense, Valdevez Marina do Rosário Lima e Rosana Maria Gessinger, docentes da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, têm como objetivo central discutir o desenvolvimento da autonomia de um grupo de quarenta estudantes do Ensino Médio, durante uma estratégia de ensino idealizada para trabalhar as noções de progressões aritméticas e progressões geométricas. Os resultados apresentados integram uma investigação realizada no curso de mestrado, que teve, entre seus objetivos, a construção de indicadores e o acompanhamento do processo de evolução dos alunos, no que se refere à autonomia. Em cada indicador foram mapeados comportamentos e atribuídos graus de intensidade. Os resultados apontaram que a estratégia desenvolvida favorece o protagonismo do estudante, possibilitando-lhe: questionar, planejar metas, comunicar descobertas, tornar-se sujeito do conhecimento. As dificuldades apresentadas pelos estudantes foram a exposição oral de ideias, a adaptação às exigências impostas pela tarefa e o atendimento às combinações durante a realização das atividades.

No artigo “A formação estatística e pedagógica do professor de Matemática”, Admur Pamplona, docente do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT, *Campus* Universitário do Araguaia/CUA, nos apresenta alguns aspectos centrais do doutorado realizado por ele, que teve como objetivo discutir a questão: “Quais práticas os professores formadores citaram, desenvolveram ou valorizaram para evidenciar e fortalecer os nexos entre as práticas de formação estatística e as de formação pedagógica?”. Decidindo pela realização de uma investigação qualitativa e privilegiando o diálogo revelador de experiências e escolhas pessoais de alguns professores formadores, o autor faz uso de “narrativas biográficas”. A análise desse material, a partir dos referenciais da Teoria Social da Aprendizagem, de Etienne Wenger, revelou algumas práticas utilizadas pelos professores, dentre as quais: a) o compartilhamento dos problemas, das escolhas, dos trajetos, das perspectivas e dos prazeres que fazem parte do exercício da profissão do professor, de modo geral, e do ensino da Estatística, de modo particular; b) o questionamento das práticas discursivas e não discursivas que apoiam relações desiguais de poder entre práticas de formação matemática/estatística e práticas de formação pedagógica.

Márcia Souza da Fonseca, professora da Universidade Federal de Pelotas/RS, em seu artigo “O discurso filosófico na tecitura da matemática escolar”, examina textos de Platão, Aristóteles e Descartes, a partir de conceitos desenvolvidos por Michel Foucault. Seu objetivo é discutir como esses discursos/práticas filosóficas construíram/constroem, na cultura ocidental, os significados e as identidades sobre o saber matemático escolar e o sujeito escolarizado, estruturando formas de pensamento acerca do que é a matemática, definindo as fronteiras sobre quem pode e quem não pode pensar e agir matematicamente, contribuindo, assim, para a legitimação de uma racionalidade moderna. Para tanto, a autora aproxima o discurso filosófico a dois fatos curriculares - o Movimento da Matemática Moderna e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o Ensino Fundamental na área da matemática.

No texto que inaugura a seção “Memórias”, intitulado “Manoel Jairo Bezerra: depoimentos em vida”, Leandro Silvio Katzer Rezende Maciel, Professor da Universidade Bandeirante de São Paulo, nos apresenta um texto em homenagem ao reconhecido professor-

autor brasileiro de livros didáticos de matemática, Manoel Jairo Bezerra, falecido em 11 de março de 2010. Inicialmente, Maciel expõe os dados biográficos de Bezerra e esclarecimentos sobre a origem dos registros que serão apresentados e o tratamento dado a eles. Em seguida, apresenta a transcrição de dois textos-documentos que compõem o material de sua investigação de doutorado, cujo objetivo central é estudar as experiências e as produções desse professor-autor. O primeiro registro, com data provável de gravação em 1963, faz recomendações às candidatas do extinto Curso Normal. O segundo depoimento, em formato de entrevista, foi concedido ao programa televisivo *Sem censura*, cuja veiculação ocorreu no final da década de 1980 ou início de 1990. Ali o professor Bezerra apresenta seus posicionamentos sobre diversos aspectos relacionados ao ensino, ao ensino de matemática e ao Movimento da Matemática Moderna.

Marco Aurélio Kistemann Jr., Professor Adjunto do Departamento de Matemática da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), nos apresenta uma resenha do livro *A etnomatemática no contexto do ensino inclusivo*, de autoria de Thiago Donda Rodrigues, publicado pela Editora CRV, de Curitiba-PR, em 2010. Em seu livro, Rodrigues relata os cenários de inclusão improvisados e a realidade das dificuldades encontradas pelos professores para lidar com alunos especiais, em escolas públicas do interior do estado de São Paulo, objeto de suas investigações no mestrado em Educação Matemática da UNESP de Rio Claro-SP. Na expectativa de contemplar práticas inclusivas e lançar novos olhares à educação, a investigação de Rodrigues foi realizada em seu trabalho de campo em uma escola do projeto Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA). Tem como escopo observar, descrever e analisar a forma como os professores de uma escola inclusiva lidam com os alunos, na disciplina de Matemática, sob a ótica do processo de inclusão. Para o autor, educar matematicamente, segundo a Etnomatemática, significa ir além dos conteúdos, transcendendo a barreira das disciplinas e construindo a consciência crítica dos estudantes nos diversos âmbitos sociais.

Ao finalizar este editorial, expressamos os nossos agradecimentos a Sérgio Aparecido Lorenzato, pela gentileza em nos ceder, para a capa de nossa revista, a foto de sua autoria intitulada “Navio-Escola” – Dubrovnik – Croácia.

As Editoras